

LUCRO NA BALANÇA

Rio — Os exportadores brasileiros estão comemorando a desvalorização do real e economistas já prevêem a recuperação da balança comercial este ano, dando um alívio nas contas externas do país. Considerando uma desvalorização da moeda em torno de 20%, a balança comercial (diferença entre exportações e importações) apresentará um superávit de US\$ 2 bilhões a US\$ 3 bilhões este ano, contra uma previsão anterior de déficit de US\$ 1 bilhão. A avaliação é da economista Lia Valls Pereira, especialista em comércio exterior e em assuntos internacionais da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

“O governo não tinha outra opção a não ser deixar o câmbio flutuar; do contrário, perderia reservas sem parar. Mas o momento foi ruim: o Brasil não fez o ajuste fiscal e ainda tem a questão das dívidas dos estados. A balança vai melhorar mas o custo da desvalorização é grande; agora não dá para levar na brincadeira e adiar de novo o ajuste fiscal”, alerta Lia. Com a depreciação do real, o déficit em transações correntes do país (balança comercial e de serviços, incluindo pagamento de juros) também será reduzido. Deve passar do atual patamar de 4% para 3% a 3,5% do Produto Interno Bruto (PIB) este ano, conforme a economista da FGV.

Já o economista Ângelo Romano, diretor da Liberal Asset Management (do Grupo Bank of America), admite ser possível o país reduzir o déficit em conta corrente

para um nível entre 2% e 2,5% do PIB, já em 1999. Com isso, o Brasil conseguiria financiar o déficit corrente com os investimentos que o país receberá este ano, na casa de US\$ 18 bilhões a US\$ 20 bilhões. “Acho razoável a desvalorização chegar a 30%, buscando um ponto de equilíbrio, num nível que estimule a entrada de dólares no país e com isso acalme o mercado em relação ao financiamento do déficit em conta corrente”, avalia Romano.

BALANÇA

Já o presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), Marcus Vinicius Pratini de Moraes, estima que a desvalorização do real deve se estabilizar num patamar entre 15% e 20%. Segundo Pratini de Moraes, considerando esse nível de desvalorização da moeda, o país terá uma forte redução nas importações, de 8% a 10%, já a partir de fevereiro. Na outra ponta, as exportações serão beneficiadas, a partir do segundo semestre principalmente, registrando um crescimento de 6% a 8% neste ano, estima a AEB.

“Na pior das hipóteses, o Brasil vai zerar o déficit comercial e pode atingir um saldo de US\$ 2 bilhões a US\$ 3 bilhões neste ano, contra uma previsão antes da desvalorização de um déficit de US\$ 3,7 bilhões. Mas o superávit também depende de financiamento para as exportações e da redução dos impostos. O Brasil está fazendo agora o que deveria

Marcos Fernandes 8.2.95



Produtos como o açúcar ganharão mais competitividade e movimento em portos como o de Santos se inverterá, com mercadorias saindo mais do que entrando

ter feito há quatro anos, no início do real. Mas o problema central do país é o brutal déficit fiscal. O grande desafio hoje é estabelecer no Brasil a disciplina fiscal. Estamos pagando o preço do descon-

trole do setor público”, disse Pratini de Moraes.

Segundo o presidente da AEB, as exportações de produtos primários e siderúrgicos ganharão mais fôlego. Entre os beneficia-

dos estão os exportadores de soja, açúcar, minério de ferro, aço, calçados, frango e carne suína. Mas, com o aumento da competitividade das exportações brasileiras, o Brasil pode enfrentar uma nova

onda de protecionismo na Europa, na Ásia e nos Estados Unidos. “Agora o país terá que ser duplamente cuidadoso porque vão aumentar as acusações de dumping contra o Brasil.”